

RUY FABIANO

Ponto de Vista

Em defesa do choque

O ex-ministro da Fazenda do governo Sarney, Bresser Pereira, defensor da indexação da economia ao dólar — que resiste a chamar de “dolarização” — anota uma qualidade especial no presidente Collor: a recusa sistemática em patrocinar uma política econômica populista. Tanto antes, com Zélia Cardoso de Mello, quanto agora, com Marcílio Marques Moreira, o Presidente dá mostras de que está disposto a arcar com o ônus da impopularidade, em nome do saneamento da economia. Não faz concessões e se empenha em defender a equipe econômica contra o jogo bruto das pressões dos interesses contrariados.

O resultado, ainda segundo o ex-ministro, tem sido altamente positivo, embora, no essencial — o combate à inflação propriamente dito — o Governo continua perdendo de goleada. E aí o conjunto das ações fica comprometido e prevalece a aparência de fracasso. Mas há ganhos estruturais importantes. Ele alinha alguns: o ajuste fiscal e os contínuos superávits de caixa. E ainda: há avanços consideráveis na área orçamentária e de controle da moeda, as finanças públicas melhoraram sensivelmente desde a posse, a liberalização comercial está em curso e a sociedade — inclusive suas lideranças corporativistas — está mais realista e disposta ao sacrifício.

Não é pouco, mas acaba sendo nada diante da persistência dos índices de inflação em patamares elevadíssimos. A média atual é de 24 por cento ao mês. E o fato de, aparentemente, a inflação mostrar-se estável — ou de, pelo menos, não estar em escalada — não tranquiliza. A imagem habitualmente usada pelo ex-ministro Simonsen é perfeita: é como supor possível curar um doente mantendo sua febre estacionada em 40

graus. Bresser diz que concorda com a maior parte dos conceitos emitidos por Marcílio. Exceto um: o de que é possível deter a inflação com ações graduais. Nesse particular, Bresser é heterodoxo mesmo: só acredita no choque. E afirma: sem uma firme e competente — e urgente — política de rendas, a partir de um amplo acordo social, a estabilização não virá.

Não vindo, adverte, o Governo corre o risco de comprometer os avanços até aqui registrados, à custa de muito sacrifício. Ele explica: mantendo-se a inflação alta, o ministro Marcílio se enfraquece perante os credores e o Presidente perde sua estrutura parlamentar recém-montada. Ele vê presentemente condições favoráveis a um choque, na medida em que Collor — aí também mostrando coragem em rever seus erros — depurou o seu Governo, afastando ministros e assessores que caíram em descrédito moral, e fortaleceu-se politicamente, colocando parlamentares do PFL no Ministério.

Quanto à dolarização, defendida por economistas tão distintos quanto Simonsen, João Sayad e André Lara Resende, Bresser esclarece sua adesão. O que se quer, diz, é uma “âncora nominal firme para o cruzeiro”, que pode ser obtida de várias maneiras: via oferta de moeda, congelamento de preços ou fixação da taxa de câmbio, garantindo sua conversibilidade com o dólar (a dolarização). As dificuldades, aí, são mais de ordem política. Resiste-se em função do temor de que, com a dolarização, o País, em profunda crise existencial, perca mais um vínculo consigo mesmo: no caso, a moeda — que é uma espécie de carteira de identidade de uma Nação. O seu recado, entretanto, está dado: sem um novo choque, a inflação não cai.